

Vilas Boas: TSE lavou a alma da Nação

RITA NARDELLI

Quando ocupou seu lugar no plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na noite da última quinta-feira, para julgar o registro da candidatura de Sílvio Santos, o ministro Vilas Boas, relator do processo, estava sereno e ao mesmo tempo emocionado, com a convicção de que seu voto era o melhor que poderia ter produzido em termos jurídicos e o melhor para a Nação.

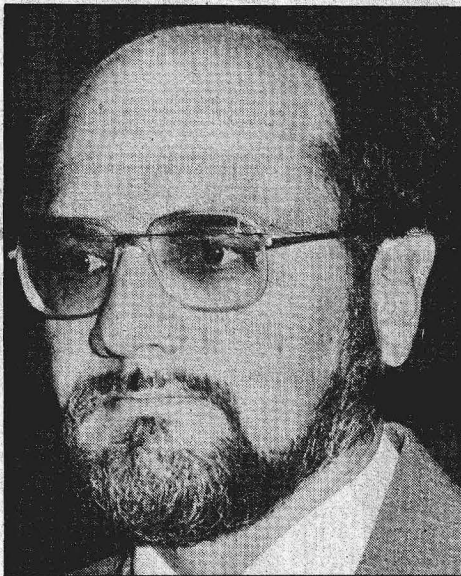
“Quando me sentei — contou o ministro — estava convicto de que minha posição, meu ponto de vista era correto sob a ótica técnica e de direito, e correto sob a ótica do momento histórico que o Brasil está vivendo. Por isso, eu estava sereno. Porque a razão estava em paz com o sentimento e o dilema do coração”.

Certo de que o TSE, com o julgamento, deu uma grande lição a todas as instituições, Vilas Boas disse que, quando a sessão terminou, sua emoção foi maior ainda.

“Gosto muito do Brasil. Jamais sairia daqui para morar no exterior. Tenho confiança no País, acho que esse País só precisa de um empurrão, que é uma grande Nação” — disse. Ao ser designado relator do pedido de registro da candidatura de Sílvio Santos, Vilas Boas ficou preocupado, diante da enorme responsabilidade que lhe foi conferida.

“Senti que a carga era muito pesada para mim. Sou o mais novo do TSE, tanto na idade quanto no tempo como ministro, e não sou juiz togado, de carreira. Mas como se diz em Minas, não fujo da briga. Não tenho medo de nada. Só de mim, da minha consciência. Desde que eu tenha absoluta certeza de que aquilo é o correto, do meu ponto de vis-

IVALDO CAVALCANTE



Vilas Boas: decisão meditada

ta, aí fico tranquilo”. O relator diz que o que o angustia é encontrar uma solução justa para o problema que lhe é colocado. Quando o faz, a apreensão termina.

ESFORÇO

O ministro começou a pensar nas questões envolvendo a candidatura Sílvio Santos assim que o pedido de registro foi solicitado. A partir da última segunda-feira, quando começaram a chegar ao TSE as primeiras impugnações, ele pôde avaliar a extensão das alegações e a base legal sobre a substituição dos candidatos. Iniciou então uma análise da procedência dos argumentos das preliminares e do mérito da inelegibilidade do empresário de televisão. Mas

somente na quarta-feira começou a trabalhar efetivamente, preparando o relatório.

Na noite da quarta-feira, Vilas Boas recebeu as 22 contestações às impugnações, e aí varou a noite redigindo seu voto, que concluiu duas horas antes da sessão. “Meu esforço foi muito grande, e eu não quis deixar nenhuma dúvida no Tribunal”, observou.

Durante o tempo em que examinou a questão, Vilas Boas nunca desconsiderou a realidade vivida pelo País. Em sua opinião, o juiz não pode estar alheio ao momento histórico, mas também não pode se deixar levar “por aquela campanha que se faz em torno de certo fato, às vezes até com uma certa histeria, como eu diria que aconteceu no caso”.

Essa questão deveria ser decidida como foi, enfatiza o ministro. “De uma forma técnica, sem que o TSE deixasse de considerar tudo aquilo que é do senso comum, como por exemplo o fato de o candidato ser o verdadeiro comandante das empresas. Isso é coisa notória, que eu sei, que você sabe, que ele não nega. Ele se apresenta com ares de dono, e o fato notório independe de prova”, argumenta.

Para Vilas Boas, o TSE mostrou, com o julgamento, que é independente e soberano, que sabe decidir as questões que lhe são submetidas, que tem serenidade, que não se deixa levar nem pela histeria, de um lado, e nem pelo “já ganhou”, de outro.

“Uma das grandes virtudes do tribunal é a de que ele não manifesta posição sobre atitudes, não joga pedra nos outros”. Tenta aplicar a lei, e essa atitude o valoriza.